

PRESIDENTE POLONÊS FEZ FORTES ALUSÕES À AMEAÇA NÃO MILITAR ALEMÃ

A Polônia enfrenta uma “guerra híbrida” alemã via UE, minando soberania e identidade; a disputa entre Nawrocki, alertando para a corrosão cultural, e Tusk, distorcendo o debate, expõe um grave dilema político nacional polonês.

Andrew Korybko*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O primeiro-ministro polonês, Donald Tusk, [escreveu](#) que “o presidente Nawrocki apontou mais uma vez o Ocidente como a principal ameaça à Polônia. Essa é a essência da disputa entre o bloco antieuropeu (Nawrocki, Braun, Mentzen, PiS) e nossa coalizão. Uma disputa extremamente séria, uma disputa sobre nossos valores, segurança e soberania. Leste ou Oeste”. Essa declaração foi uma resposta ao [discurso do presidente Karol Nawrocki em Poznan](#), no final de dezembro, em comemoração à [Revolta da Grande Polônia](#), que garantiu as fronteiras ocidentais da Polônia no período entre guerras.

O site [Notes From Poland](#) chamou a atenção para a declaração de Nawrocki de que

“a Polônia é uma ‘comunidade nacional aberta ao Ocidente, mas também uma comunidade nacional pronta para defender a fronteira ocidental da república, como sabiam os insurgentes da Grande Polônia’... Ele também lembrou como esforços ‘agressivos’ foram feitos para ‘nos privar de nossa cultura e patrimônio nacional’. Assim como os poloneses daquela época agiram para defender sua identidade nacional, hoje ‘devemos fazer tudo o que pudermos para garantir que a Polônia continue sendo a Polônia’”.

Em resposta à publicação de Tusk, Nawrocki questionou se ele guardava ressentimentos contra as figuras históricas polonesas que lutaram contra a Alemanha no passado, numa alusão à já suspeita lealdade de Tusk à Alemanha. Ele também sugeriu que Tusk ou “é incapaz de ouvir com compreensão, ou busca conflito deliberadamente porque seu orçamento, saúde pública, etc., não estão fechando”. Nawrocki encerrou lembrando Tusk de seus laços estreitos com Vladimir Putin durante a era de ouro das relações russo-europeias, que permanecem controversos na Polônia até hoje.

Analizando essa troca de palavras, a insinuação de Nawrocki de que a União Europeia (UE) liderada pela Alemanha representa uma ameaça semelhante à identidade polonesa como a “Kulturkampf” da era imperial irritou Tusk, que então distorceu suas palavras e o contexto em que foram proferidas para provocar um falso escândalo e desviar a atenção de seus fracassos políticos internos. Nawrocki não estava insinuando que a Alemanha ainda representa a mesma ameaça à integridade territorial da Polônia que seus antecessores, mas estava, no entanto, reafirmando que ela ainda é, de fato, uma ameaça.

Recentemente, foi explicado que “a Alemanha representa uma ameaça não militar significativa à soberania polonesa”, principalmente por meio de seu controle de fato sobre a UE e das tentativas associadas de corroer a soberania polonesa, que também visam enfraquecer sua identidade nacional e, portanto, equivalem a uma “Kulturkampf” moderna. Essa percepção de ameaça, compartilhada por muitos na direita polonesa, levou Nawrocki a elaborar um plano detalhado para reformar a UE. Ele revelou isso durante um discurso no final de novembro, que pode ser lido [aqui](#).

A maioria dos meios de comunicação ignorou isso, mas contextualiza a parte de seu discurso sobre “*defender a fronteira ocidental da república*” de ameaças vindas daquela direção, daí o motivo de ele ter dito que “*devemos fazer tudo o que pudermos para garantir que a Polônia continue sendo a Polônia*”. Ele também mencionou o plano da Alemanha Imperial de promover mudanças demográficas, política que continua por meio das exigências da União Europeia, liderada pela Alemanha, para que a Polônia aceite migrantes de diferentes culturas, inclusive despejando alguns deles literalmente na Polônia.

Portanto, Nawrocki não estava alarmando sobre o revanchismo alemão, como Tusk alegou, mas sim aludindo fortemente às ameaças que a Polônia ainda enfrenta vindas do oeste, embora sejam muito menos cinéticas atualmente. Em vez de outra invasão, elas assumem a forma da guerra híbrida que a Alemanha travaativamente contra a Polônia por meio da União Europeia liderada pela Alemanha, cujo objetivo é desarraigar os poloneses e corroer a soberania de seu país para facilitar sua subordinação como vassalos alemães pós-modernos.

***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuraçao da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.
